Crise na Metodista já coloca em risco a manutenção de alunos

Atrasos no pagamento de salários de professores e problemas estruturais geram incertezas sobre o futuro; aulas foram paralisadas pela 5ª vez ontem

BIA MOÇO
biamoco@dgabc.com.br

Diante da crise financeira que assola a Umesp (Universidade Metodista de São Paulo), alunos de cursos distintos ouvidos pelo **Diário** relatam sentir, no dia a dia, impactos tanto nas condições de estrutura física dos campi quanto na desmotivação dos docentes. Atrasos no pagamento de salários, e de depósito de FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e benefícios somados à falta de transparência da reitoria quanto à real situação da instituição de ensino superior fazem com que estudantes temam o futuro e já cogitem transferência.

Aluno do 3º semestre de jornalismo e vice-presidente do CA (Centro Acadêmico) do curso, Daniel Vila Nova, 21 anos, explica que, no dia a dia, os impactos se dão mais pelo clima de incerteza que reina na Metodista. "Muitos colegas pensam em sair da faculdade, porque está muito difícil. Os proventos, tanto de professores quanto funcionários administrativos estão atrasados e não há diálogo. A reitoria não explica o que acontece."

Do ponto de vista estrutural, problemas pontuais também são citados por Vila Nova. "Os banheiros, por exemplo, há dias que não têm papel higiênico ou papel para secar as mãos. Nas aulas, não digo que a qualidade do curso caiu, mas a atmosfera negativa que fica na instituição é notável. Há desânimo total, principalmente por parte dos professores." Os alunos reforçam que os reflexos já eram esperados. "Não dá para esperar que os funcionários respondam 100% com qualidade de trabalho diante da situação. Nossa educação depende da remuneração justa dos profissionais, e nossa preocupação é lutar pelo justo."

A situação vem se agravando desde 2017, quando houve demissão em massa de 83 funcionários. "O sentimento é o de descrédito. Houve demissões políticas e perdemos muitos professores com mais de 30 anos de carreira. Não há humanização, transparência e diálogo por parte da reitoria", destaca estudante do 5º semestre de Filosofia. "Os alunos estão unidos. Está bonito de ver a luta dos discentes pela Metodista, mas não sabemos até quando a instituição aguenta", observa.

Professora do curso de pedagogia desde 2005 e representante do Sinpro-ABC (Sindicato dos Professores do Grande ABC), Cristiane Gandolfi diz que os docentes têm conversado com os alunos sobre a falta de salário do último mês, que ainda não foi pago para todos os profissionais. "A maior reivindicação é a de que a Metodista pague a todos sempre no quinto dia útil. No ano passado, somente dois dos proventos foram acertados em dia. Os demais atrasaram por até 15 dias. Não podemos trabalhar sem saber quando receberemos." A docente, entretanto, ressalta o carinho dos profissionais pela instituição de ensino superior. "Nós amamos a Metodista, mas isso não é suficiente. Precisamos pagar nossas contas."

Divulgação

PLANALTO. Alunos lutam contra a precarização do ensino superior; atos estão mantidos até amanhã

Estudantes mantêm agenda de protestos

LORENA S. ÁVILA
Especial para o **Diário**
lorenasavila@dgabc,com.br

Na manhã de ontem, alunos dos dois campi da Metodista – no Rudge Ramos e Planalto – realizaram paralisação e atos em prol dos docentes. Foi a quinta vez em duas semanas que os estudantes se reuniram em luta contra o sucateamento do ensino superior. As manifestações seguem hoje e amanhã.

"Existe uma precarização educacional desde 2014. A gente paga a mensalidade todo mês e, no fim, não tem computador funcionando, mouse, câmera, editor. Demitiram muita gente por debaixo dos panos. O MI-7 *(Movimento Estudantil dos Estudantes de Jornalismo do Sétimo Semestre)* veio para ser mais incisivo e articular um movimento estudantil na universidade", afirma Artur Longo, um dos líderes do MI-7.

No campus Planalto, após o ato estudantil, foi realizada reunião entre os alunos com Nilton Abreu Zanco, diretor da unidade. Foi cobrada do gestor solução para a situação estrutural. De acordo com os dicentes, banheiros estão depredados, sem pia, tampas nas privadas, papéis e sabonete.

No entanto, os estudantes receberam o posicionamento de que a Rede Metodista controla todos os colégios e as universidades e que cabe a eles a distribuição da verba e a definição de quem vai receber e quando. Sobre as demissões, foi informado aos alunos que se trata de reflexo da quantidade de matrículas – o gestor justificou que houve redução de 7.000 estudantes desde 2010.

Questionada sobre os problemas, a Metodista não se pronunciou até o fechamento desta edição.

SOS bairros

Sugestões:
Fone: (11) 4435-8319
Whatsapp: (11) 996124764
e-mail: sosbairros@dgabc.com.br

Paciente reclama de atrasos de ambulâncias em Ribeirão

Problemas no serviço levam à perda de consultas e tratamentos em unidade de saúde da Capital

FLÁVIA FERNANDES
Especial para o **Diário**
flaviafernandes@dgabc.com.br

Moradores de Ribeirão Pires atendidos pelo serviço de ambulância municipal reclamam de atrasos no atendimento, o que tem prejudicado os pacientes em consultas e exames. Embora a Prefeitura tenha anunciado a ampliação do programa, com a aquisição de veículo destinado às urgências e remoções inter-hospitalares no dia 15 de março, a população destaca que são necessárias melhorias.

O serralheiro industrial Célio Zangerolli, 54, morador do Jardim Itrapoã, sofreu trombose há um ano e meio e, por conta das complicações, foram necessárias amputações da perna esquerda e de parte do pé direito. Desde então, o munícipe depende do serviço de ambulância prestado pela Prefeitura para passar pelos atendimentos médicos no Complexo Hospitalar Heliópolis, na Capital.

Os problemas começaram há cerca de três meses, revela a dona de casa Rosilene Souza, 34, mulher de Zangerolli. "No dia 24 de janeiro, o transporte chegou no hospital 12h30 para consulta marcada para as 11h", ressalta. Em outras quatro datas – 9 e 16 de janeiro, 20 de fevereiro e 20 de março – a ambulância não compareceu para levar Zangerolli à sessão de fisioterapia e ao grupo de apoio. "Alegaram que a gente não tinha agendado o serviço, sendo que eu tenho o comprovante para provar que marcamos."

Rosilene também se queixa do tempo de espera pelo serviço após os atendimentos. No dia 3 de abril, a consulta de Zangerolli foi finalizada às 10h, no entanto, o transporte foi buscá-lo por volta de 16h. "A ambulância nos pegou em casa às 7h e só levou à tarde. Ele *(o marido)* ficou sem almoço e passou do horário da medicação", observa Rosilene, que alega que não é a primeira vez que esse fato ocorre.

A Prefeitura de Ribeirão Pires informou ao **Diário** que "está apurando o caso relatado por meio de processo administrativo, e tomando providências para garantir o atendimento regular ao paciente, seguindo os protocolos estabelecidos pelo município".

Celso Luiz

TROMBOSE. Célio Zangerolli passa por atendimento no Heliópolis

MAUÁ

Comunidade cobra reforma de quadra no Jardim Miranda D'Aviz

VICTOR AUGUSTO
Especial para o **Diário**
victoraugusto@dgabc.com.br

Celso Luiz

SEM OPÇÃO. Buracos no teto e ferrugem comprometem quadra

Estudantes da EM (Escola Municipal) Perseu Abramo, localizada na Rua Tobias Barreto, no Jardim Miranda D'Aviz, em Mauá, estão sem espaço para a prática de atividades esportivas desde setembro do ano passado, mês em que a quadra da unidade foi interditada pela administração. O local precisou ser fechado devido aos riscos apresentados aos alunos, como base de uma das vigas de sustentação corroída e teto cheio de buracos.

A demora para que o equipamento de lazer, único do bairro, passe por manutenção faz com que crianças e adolescentes invadam o local para jogar futebol, denuncia o pedreiro Carlos Satili Ferreira, 56 anos. "As crianças usam o espaço porque não têm outro lugar para brincar", diz.

A Prefeitura informou que "tomará as medidas necessárias para reformar a quadra". No entanto, as melhorias seguem sem prazo para saírem do papel. Enquanto isso, o local seguirá interditado.